



## **DO RIO EU SOU, “DA BEIRA EU SOU”: A RELAÇÃO IDENTITÁRIA DAS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO COM O RIO MADEIRA**

### **FROM THE RIVER I AM, "FROM THE BORDER I AM": THE IDENTITY RELATIONSHIP OF WOMEN FROM THE RIPARIAN COMMUNITY OF NAZARÉ-RO WITH THE MADEIRA RIVER**

### **DEL RIO YO SOY, “DE LA ORILLA YO SOY”: LA RELACIÓN IDENTITARIA DE LAS MUJERES RIBEREÑAS DE LA COMUNIDAD DE NAZARÉ-RO CON EL RÍO MADEIRA**

**Rúbia Elza Martins de Sousa**

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás

Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero – GEPGÊNERO e do Grupo de Pesquisa Espacialidade e Identidades Raciais, Étnicas, de Gênero e Sexuais

E-mail: rrubiaelza@gmail.com

#### **RESUMO:**

A identidade de um indivíduo não é definida biologicamente, mas é resultado de um construto social, sendo formada a partir da interação com o Outro e com o lugar. Neste sentido é possível verificar que há uma estreita relação entre identidade e lugar, uma vez que no lugar os sentimentos de pertencimento manifestam-se, tornando-se importantes componentes identitários de um indivíduo ou coletivo. Para este artigo, a pesquisa foi desenvolvida na Comunidade Ribeirinha de Nazaré, localizada na região do Baixo Madeira, Município de Porto Velho, Estado de Rondônia e, objetivou analisar o papel da água, sobretudo do Rio Madeira, como importante elemento na formação identitária da mulher ribeirinha da Comunidade de Nazaré. A construção deste trabalho fundamenta-se nas primeiras observações de campo da construção da Tese de Doutorado, desta forma metodologicamente se constitui de caráter qualitativo e os procedimentos metodológicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, sendo esta caracterizada por observação e contato com a comunidade. Constatou-se, sob uma perspectiva preliminar e a partir da observação de características do cotidiano, que o Rio Madeira exerce importante influência na constituição identitária das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré.

**Palavras-Chave:** Mulher ribeirinha; rio; identidade; lugar.

---

#### **ABSTRACT:**

The identity of an individual is not defined biologically, but is the result of a social construct, being formed from the interaction with the other and with the place. In this sense, we can verify that there is a close relationship between identity and place, once in place the feelings of belonging manifest, making it important components from the identity of an individual or the collective. This research was conducted in the Riparian Community of Nazaré, located in the region of low Madeira, in city Porto Velho, State of Rondonia. This study aimed to analyze the water, especially the Madeira River as an important element in the identity formation of riparian woman of Nazaré Community. The construction of this article is based on the first field observations from the construction of the doctoral thesis, in this way, methodologically the research is composed of qualitative character and the methodological procedures used were from bibliographical research and field research, which is characterized by observation and contact with the community. It was found under a preliminary perspective and from the observation of everyday characteristics; the Madeira River has an important influence on the identity construction of Riparian women of the Nazareth community.

**Key Words:** Riparian Women; river; identity; place.

---

#### **RESUMEN:**

La identidad de una persona no es definida biológicamente, sin embargo es el resultado de una construcción social, formada a partir de la interacción con el otro y con el lugar. En este sentido es posible averiguar la existencia de una estrecha relación entre la identidad y el lugar, una vez que es en el lugar donde se expresa los sentimientos de pertenencia, convirtiéndose en importantes componentes de la identidad de un individuo o de la colectividad. Para este artículo, la presente investigación se llevó a cabo en la Comunidad Ribereña de Nazaré, ubicada en la región del Baixo Madeira, Municipio de Porto Velho, Estado de Rondônia. El objetivo ha sido analizar el agua, especialmente el Río Madeira, como un elemento importante en la formación de la identidad de la mujer ribereña de la Comunidad de

Nazaré. La construcción de este artículo se basa en las primeras observaciones de campo de la Tesis Doctoral, y de esta manera metodológicamente el estudio se constituye de carácter cualitativo y los procedimientos metodológicos utilizados fueron el análisis bibliográfico e investigación de campo que, a su vez, se caracteriza por la observación y contacto con la comunidad. Se constató, bajo una perspectiva preliminar y a partir de la observación de las características del cotidiano, que el Río Madeira tiene una influencia importante en la constitución identitaria de las mujeres ribereñas de la comunidad de Nazaré.

**Palabras-Clave:** Mujer ribereña; río; identidad; lugar.

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano é dotado de características que o identificam enquanto ser único em relação ao Outro, assim a identidade é compreendida e evidenciada por meio da diferença, sendo sempre relacional, a partir da perspectiva de uma marcação simbólica em relação a outras identidades.

A identidade é uma construção histórica que se dá por meio da relação que o indivíduo estabelece com o Outro, bem como com o lugar. Sendo assim, não deve ser interpretada como fixa e unificada, pois como afirma Cruz (2007, p. 16) a identidade “[...] é dinâmica, múltipla, aberta e contingente”, fato que remete diretamente a características – presentes no ser humano – que estão em constante transformação.

A identidade resulta de uma construção sociocultural, sendo considerada fonte de significado e experiência de um indivíduo ou coletivo. Desse modo, a cultura possui importante influência na constituição da identidade, uma vez que opera a partir de uma densa carga de herança histórica capaz de influenciar diretamente o modo de vida e de ver o mundo – cosmovisão – os comportamentos sociais, bem como as posturas corporais.

Entendendo que a identidade é construída também, por intermédio de um diálogo estabelecido com o meio, é possível identificar a estreita relação entre identidade e lugar. O lugar está investido de elementos sociais, culturais e simbólicos que dão significado a existência do ser, sendo assim para Chaveiro (2012) o lugar possui uma diferenciação que está intimamente ligada ao âmbito social, cultural e simbólico de tudo aquilo que existe.

O lugar é constituído de características particulares – mas que por meio de mecanismos tecnológicos, advindos desse período globalizado e pós-moderno, se comunica com o global, possuindo, desta forma, um significado diferenciado para determinados indivíduos a partir de sentimentos topofílicos que são aflorados, tornando evidente o pertencimento destes ao lugar. O sentimento de pertencimento ao lugar é um importante componente na construção da identidade de um indivíduo ou coletivo.

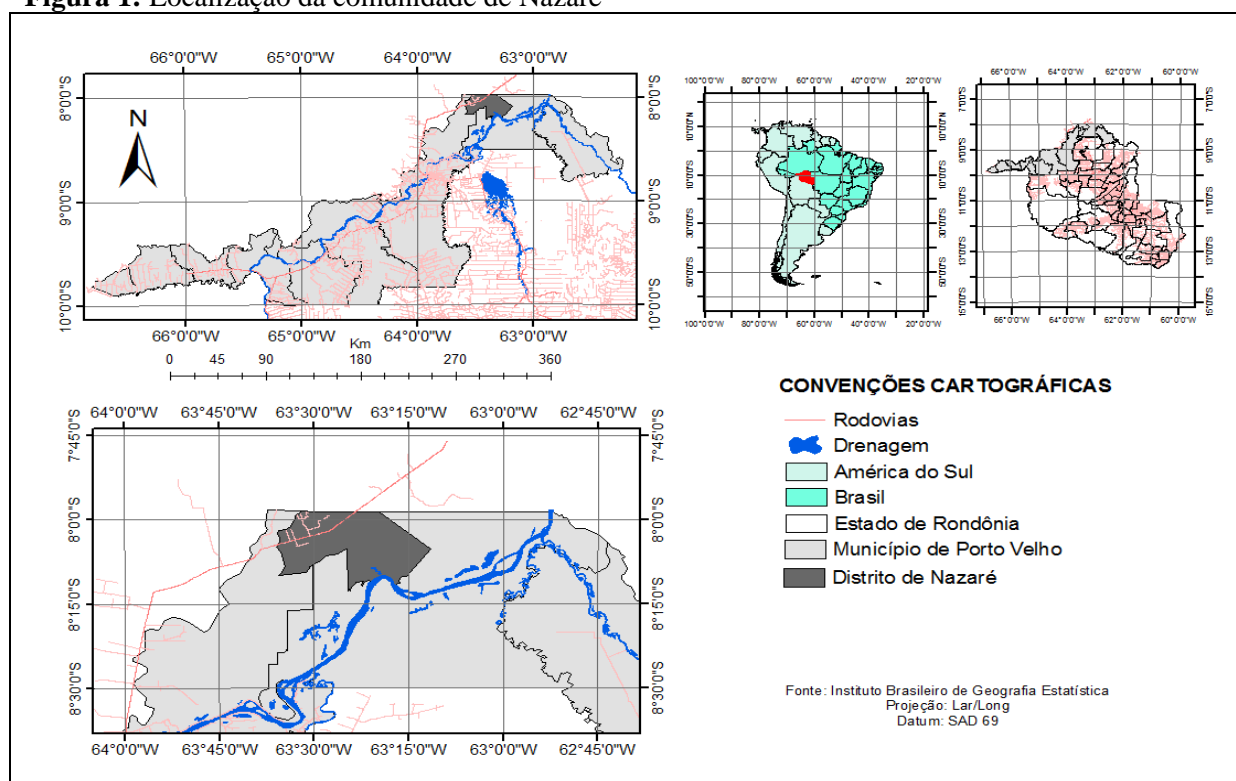
Deste modo, é possível compreender que para comunidades ribeirinhas o rio é um importante elemento componente do lugar, pois exerce influência no modo de viver e ser destas pessoas. No caso específico da mulher ribeirinha, o rio é um elemento natural bastante presente em



seu cotidiano. Para esta o rio apresenta características funcionais, mas também uma forte conotação simbólica, atuando diretamente na formação das características identitárias desta mulher.

Este artigo foi desenvolvido com relação à comunidade ribeirinha de Nazaré, localizada a jusante e na margem esquerda do Rio Madeira, na região do Baixo Madeira, há aproximadamente 120 km de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, como mostra o mapa abaixo (Figura 1). De acordo com dados obtidos com o administrador da localidade a comunidade possui 132 famílias, sendo formada por descendentes de seringueiros nordestinos e de indígenas que ocupavam a região.

**Figura 1:** Localização da comunidade de Nazaré



**Fonte:** IBGE. Org. CRUZ, L. M (2013)

Nazaré surgiu em um antigo seringal, na década de 1940, momento em que houve a decadência do ciclo da borracha (MENEZES, 2014). Na época a localidade chamava-se Boca do Furo e foi da estrutura comunitária que abrigava os seringueiros que surgiu a comunidade.

Nazaré é sede de um dos onze distritos do Município de Porto Velho, Distrito de Nazaré, que foi instituído pela Lei Municipal n.º 1.299, de 26-06-1997. Assim sendo, a comunidade possui 40% da população do distrito e dispõe de um administrador que é indicado pelo prefeito de Porto Velho, sendo ele responsável pela gestão pública da localidade.

O acesso à comunidade se dá somente via fluvial, sendo que os moradores que não possuem embarcação própria podem se locomover por meio de embarcações tipo recreio que passam pela

localidade ou por lanchas alugadas. Com embarcações menores (lanchas ou voadeira) o acesso à comunidade se dá em aproximadamente duas horas, enquanto que com embarcações maiores, comumente chamados pela comunidade de “barco de linha”, a comunidade pode ser acessada em aproximadamente sete horas de navegação.

A economia de Nazaré baseia-se na agricultura e na atividade extrativista e os principais produtos extraídos e cultivados são o açaí, a castanha, a melancia, o cupuaçu e a banana. Salienta-se que no ano de 2014 Nazaré foi uma das comunidades atingidas por uma das maiores cheias do Rio Madeira<sup>1</sup>, desde então, de acordo com o administrador do Distrito, a comunidade está sem assistência técnica, pois os técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia – EMATER – deixaram a localidade, fato que tem dificultado o desenvolvimento da produção.

Atualmente a atividade pesqueira já não é tão praticada com fins comerciais, mas ainda o é para a subsistência familiar. A pesca é vista, principalmente para as mulheres de Nazaré, como fonte de lazer, momento em que podem, além de descansar dos afazeres diários, ter um encontro mais íntimo com o meio ambiente natural.

Objetiva-se com este artigo analisar o papel da água, sobretudo do Rio Madeira, como importante elemento na formação identitária da mulher ribeirinha da Comunidade de Nazaré-RO.

A construção deste trabalho fundamenta-se nas primeiras observações de campo da pesquisa de Tese, dado o estágio inicial de Doutorado, amparando-se também no contato que a pesquisadora vem estabelecendo com a comunidade desde o ano de 2011, contato este caracterizado pela realização de atividades de campo.

A pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que de acordo com Ramires e Pessôa (2013, p. 25) esta busca “[...] o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica com o mundo real e o sujeito [...]”, afirmação esta que vai ao encontro do objetivo proposto para o estudo em tela.

Este trabalho inicia-se com uma discussão teórica acerca dos conceitos de identidade e lugar, demonstrando a estreita relação existente entre eles; em um segundo momento dá-se enfoque à íntima relação que os ribeirinhos amazônicos estabelecem com o elemento água – rio; e no último é apresentado, sob uma perspectiva ainda preliminar, o Rio Madeira como importante elemento na constituição identitária da mulher ribeirinha da comunidade de Nazaré.

---

<sup>1</sup> Período em que o Rio Madeira esteve aproximadamente dezenove metros acima do nível normal, desalojando grande parte da população residente não apenas em Nazaré, mas em várias comunidades de Região do Baixo Madeira. Estas comunidades atingidas foram encaminhadas a alojamentos no núcleo urbano do Município de Porto Velho.



## 2 IDENTIDADE E LUGAR: CONCEITOS QUE SE ENTRELAAÇAM

O conceito de identidade é discutido por vários autores de diversas áreas do saber – filosofia, antropologia, história, geografia, dentre outras – e estes propõem e discutem o termo a partir de visões que ora se complementam, ora se contradizem. E esse emaranhado de ideias busca a resposta para os seguintes questionamentos: quem sou eu? Quem somos nós? O distanciamento entre eu e o Outro ou entre nós e os Outros, marca e torna evidentes características peculiares, ou seja, as características identitárias são marcadas pela diferença.

A diferença evidenciadora da identidade é encontrada na singularidade existente em um indivíduo ou em um coletivo em relação a outros, assim sendo a identidade é sempre relacional, estabelecida por meio de uma marcação simbólica relativa a outras identidades. Neste sentido, Genis (2004, p.26) afirma que “Esta manera de entender la identidad, es una forma de aclarar o delimitar en forma fija el límite que separa ‘nosotros’ de los ‘otros’”.

Cruz (2007) discute a relação entre identidade e diferença, mas apresentando a diferença não apenas como resultado, mas como processo, um movimento incessante que é ativo e criador. Sendo assim, para este autor, “nestes termos, se inventaria a equação e a diferença passaria a ser o ponto original para se pensar a identidade [...]”. Desta forma, é possível compreender que a identidade é uma posição de sujeito construída de forma contrastiva, pois os processos de construção se dão na e pela diferença e não fora dela.

A identidade é então reconhecida pela relação com o outro, relação esta que exalta o contrastivo, a lacuna, aquilo que não é, aquilo que não se apresenta, aquilo que inclui e exclui. Somente dessa maneira a identidade ganha sentido e torna-se efetiva.

A identidade é um construto social, sendo formada da “[...] ‘interação’ entre o eu e a sociedade” (HALL, 1997, p. 12). É importante compreender que cada indivíduo possui particularidades, o que Hall denomina de o “eu real”. Mas essa essência individual sofre transformações a partir do diálogo que estabelece com o mundo exterior. Assim sendo, é possível afirmar que a identidade preenche a lacuna que existe entre o exterior e o interior, tornando o ser humano unificado em relação aos lugares objetivos que ocupa no mundo social e cultural.

A condição biológica do ser humano traz aparentemente algumas determinações universais, dentre elas o ato de se alimentar, dormir e reproduzir-se, porém tais determinações não chegam ao extremo de especificar o modo e nem em que condições estas ações devem ser realizadas e, é nestas “zonas indeterminadas” que as singularidades afloram (DAMATTA, 2000) e a identidade se apresenta.

A partir deste entendimento e corroborando as ideias de Stuart Hall (1997) e DaMatta (2000), Genis (2004) afirma que a identidade não preexiste, mas é construída, sendo constituída por meio de elementos do todo social, podendo ser considerada como um produto sociocultural.

Compreender a identidade como um produto sociocultural conduz ao entendimento de que esta é construída por meio da assimilação de características advindas de elementos históricos, uma vez que determinadas atributos identitários são repassadas de geração em geração. Por exemplo, o brasileiro tem a língua portuguesa como elemento que marca sua identidade e este relaciona-se diretamente à colonização do país. Desta forma, o brasileiro fala português porque foi colonizado por portugueses. Do mesmo modo existem outras características como religião, gastronomia, música, dança, dentre outros, que se relacionam a aspectos que marcaram a história um tanto quanto híbrida do Brasil, fazendo do brasileiro, um povo com características culturais e identitárias que os diferencia dos demais povos existentes no globo terrestre.

Na soma de traços históricos característicos é possível diagnosticar uma sequência de aspectos que irão responder as perguntas: quem sou eu ou quem somos nós? A partir das respostas encontradas é possível identificar uma lacuna que evidenciará a heterogeneidade cultural e identitária.

É necessário salientar que além dos elementos históricos existem outros que são considerados importantes na formação identitária de um indivíduo ou coletivo. Neste sentido, Castells (1999, p.22) afirma que “A construção de identidades vale-se da matéria-prima da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”.

A cultura também está intimamente atrelada à identidade, uma vez que fornece aos indivíduos as características identitárias a partir das heranças históricas, assim o modo de vida e de ver o mundo, os comportamentos sociais, posturas corporais, são produtos de uma herança cultural. Neste contexto, Laraia (2009, p. 68) afirma que o resultado da operação de determinada cultura se expressa no fato de que “[...] culturas diferentes podem ser facilmente identificadas por uma série de características, tais como o modo de vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica”.

De acordo com Castells (1999, p. 22), compreende-se por identidade “[...] um processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados [...]”. Desta forma, a identidade pode ser entendida como fonte de significado e experiência de um grupo social.

O fato de entender que a identidade é construída por meio da interação do ser humano com o espaço em que vive e que esta interação passa necessariamente por um diálogo com o passado em que há a incorporação de elementos histórico-culturais à identidade individual e coletiva, traz a discussão a globalização como um problema central, uma vez que esta proporciona a conexão de lugares e pessoas provocando uma tensão entre a homogeneidade e a heterogeneidade cultural.

Neste sentido Appadurai (1994) corrobora esta discussão quando argumenta que os discursos que defendem o pressuposto da homogeneização estão amparados na premissa da “americanização” e da “commoditização”. Mas o autor defende que a globalização da cultura não remete diretamente à homogeneização, mesmo que envolva a utilização de uma série de instrumentos de homogeneização, pois estes são absorvidos no local e então repatriados com diálogos heterogêneos.

Neste contexto de globalização é possível verificar que os indivíduos têm cada vez mais necessidade de afirmar sua cultura como forma de resistência e reconhecimento identitário. Percebe-se atualmente um verdadeiro fascínio pelo diferente, por aquilo que é local, o que é peculiar, fato que de acordo com Cruz (2007) tem se expressado por meio do revigoreamento de nacionalismo, regionalismos e fundamentalismos das mais diversas ordens.

Esse momento globalizado e pós-moderno tem como um dos aspectos relevantes a valorização da memória e revitalização do passado, característica esta que foi desvalorizada no período moderno em virtude da necessidade que se tinha de “esquecer” a história e trazer a renovação como indicação de progresso.

A necessidade de reafirmação identitária está, em parte, relacionada ao temor que certas sociedades possuem em relação à aceleração das transformações culturais causadas pela interação cada vez mais intensa e imediata da população global e dos mecanismos de homogeneização (mídia, armamentos, vestuário, linguagem hegemônica). Entretanto, é preciso considerar que vários grupos e sociedades têm experimentado as mudanças advindas das transformações pós-modernas, não se aprisionando em seguir fielmente os modelos do passado, mas tal experiência vem atrelada ao ato de remodelamento e reinterpretação a partir de elementos culturais e identitários que lhes são próprios. Castells (1999) afirma que “Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica”.

Neste cenário globalizado de ameaça à heterogeneidade da cultura e conseqüentemente da identidade, Wicht (2004) corrobora Appadurai (1994) quando afirma que os bens culturais são reflexos da expressão de peculiaridades identitárias, sendo de responsabilidade do Estado proteger e

promover estes bens. Desta forma, é necessário prudência da parte do Estado quanto à abertura que deve ser dada ao fluxo global (APPADURAI, 1994).

É importante compreender que as transformações identitárias de um indivíduo ou coletivo não advêm unicamente do fenômeno da globalização, a história é dinâmica, a cultura é dinâmica e a identidade como fruto destes elementos não poderia ser diferente. Stuart Hall (1997) apresenta três concepções de identidade, sendo as concepções do sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno; o primeiro de acordo com o autor era unificado e o seu centro consistia num núcleo interior que permanecia sem mudança ao longo da vida; no sujeito sociológico emerge a complexidade do mundo moderno e o sujeito não se apresenta mais como autônomo, mas sim com um ser que necessita da interação com a sociedade; no sujeito pós-moderno a identidade torna-se móvel, sendo constantemente transformada, de forma que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Pollice (2010) também detecta na identidade a característica dinâmica, concordando com a concepção do sujeito pós-moderno proposta por Stuart Hall. Deste modo, por meio destes dois autores é possível entender a identidade como resultado de uma construção social dada da interação do indivíduo com a sociedade, remetendo diretamente à ideia de transformação, pois de fato ao longo do caminhar histórico do indivíduo ela se metamorfoseia, a partir de movimentos de reinvenção, reinterpretação e, até mesmo inovação de determinadas características. Desta forma, a pergunta feita no início deste trabalho deveria ser, ao invés de “quem sou eu” ou “quem somos nós”, quem eu posso me tornar ou que nós podemos nos tornar?

Em cada indivíduo há identidades que se complementam e se contradizem e tais características afloram de acordo com contextos sociais específicos. Desta forma, um único indivíduo possui várias identidades. As identidades se articulam em uma rede de identidades possíveis que são ativadas em determinadas situações de interação social por meio de um processo dinâmico, possibilitando uma multiplicidade de formas de identificação.

É neste contexto que Maura Penna (1992, p. 56) argumenta que “Diante dessa dinâmica de articulação de identidades sociais diferenciadas, é preciso abandonar qualquer enfoque da identidade que a conceba necessariamente como monolítica, única ou estável, ou ainda como dotada de existência própria”. Por exemplo, um indivíduo pode ter várias identidades determinadas por dimensões específicas: mulher, ribeirinha, agricultora, mãe, esposa, vizinha, brasileira, rondoniense, porto-velhense<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Indivíduo que nasce no Município de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.





Como apresentado, a identidade pode ser encontrada em múltiplas formas em um único indivíduo e, alguns autores (PENNA, 1992; GENNIS, 2004; ALMEIDA, 2005; CASTELLS, 1999), apresentam classificações para identidade, buscando problematizar as discussões sobre o tema. Dentre essas é possível elencar: identidade cultural, identidade territorial, identidade oficial, identidade pela vivência, identidade de autoatribuição, identidade patrimonial, identidade histórica, identidade em movimento, identidade das trincheiras, identidade de projeto e identidade de resistência. Salienta-se que um indivíduo pode possuir mais de uma destas classificações apresentadas, por exemplo, sua identidade oficial<sup>3</sup> pode ser a de cearense, pelo fato de ser natural do Estado do Ceará, mas pela vivência o indivíduo pode não se considerar cearense, mas sim rondoniense.

Estas classificações apresentadas pelos autores mencionados são importantes para tornar evidente determinados aspectos identitários de um indivíduo ou coletivo, demonstrando a capacidade que o ser humano tem de construir, bem como articular esta multiplicidade de formas de identificação.

No exemplo apresentado para as classificações de identidade oficial e identidade de vivência, verifica-se que o ser humano estabelece fortes vínculos com determinados lugares. Mesmo que este não seja o seu de nascimento tais vínculos ao longo do tempo irão se solidificando ao ponto de o indivíduo se sentir pertencente ao lugar. E, como consequência absorvem características que serão incorporadas a sua identidade, evidenciando o dinamismo identitário.

Verifica-se, portanto, que há uma estreita relação entre identidade e lugar, uma vez que no lugar os sentimentos de pertencimento afloram-se, tornando-se importantes componentes identitários de um indivíduo ou coletivo.

De acordo com Almeida (2013, p. 47), com a virada cultural na ciência geográfica as correntes da fenomenologia e do existencialismo recuperaram o conceito de lugar como objeto de análise geográfica. A categoria lugar, a partir desta nova leitura é “[...] compreendida pela existência de cada indivíduo, pela valorização social que lhe é atribuída, pelo espaço vivido”.

O lugar pelo olhar fenomenológico é entendido como a base da existência humana, é onde o ser humano estabelece suas relações mais íntimas com o meio e com as pessoas que o cercam e, destas relações de intimidade surge o sentimento de pertencimento àquele local, sendo a pertença fator preponderante para incorporação de características do lugar a identidade do indivíduo.

Para Dardel (2011, p. 29), o lugar proporciona segurança, uma vez que é o suporte para o ser humano “[...] assentar o ser”. Nesta perspectiva, o lugar é onde o ser humano erige suas obras e,

<sup>3</sup> Sobre esse assunto ler o capítulo II (O que faz ser nordestino: examinando hipóteses) do livro “O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o ‘escândalo’ Erundina” escrito por Maura Penna.

aquilo que estava na consciência é transformado em materialidade, dando sentido a existência do ser na Terra.

O entendimento do lugar como segurança remete à metáfora da concha apresentada por Gaston Bachelard (1984) no livro “A poética do espaço”, o autor apresenta a imagem da concha para retratar a morada, a toca, o invólucro, imagens estas que ilustram intimidade e aconchego, características estas atribuídas ao lugar. O lugar é considerado um microcosmo, onde cada ser humano estabelece sua relação com o mundo e, o mundo relaciona-se como estes.

Os aspectos físicos, tanto aqueles diretamente relacionados ao meio natural, como aqueles resultantes da ação humana, bem como os elementos simbólico-culturais e as sensações emotivas, dão forma ao lugar, trazendo para o mesmo um significado único em relação a qualquer outro. Essas sensações peculiares só podem ser experimentadas por pessoas que possuam vínculo identitário com o lugar, caso contrário este será um espaço sem sentido, ou como afirma Relph (2014) poderá ser considerado um “não-lugar” ou “lugar-sem-lugaridade”<sup>4</sup>.

O lugar é frequentemente associado à casa, no sentido de lar, pois representa o núcleo que expressa de forma mais pura a essência do lugar. O lar é associado ao lugar, pois no lar são tecidas as primeiras e, na maioria dos casos, mais fortes relações interpessoais, é lá onde o ser se sente protegido e, é onde se dão as primeiras experiências cotidianas. Neste sentido, Bachelard (1984), com um capítulo intitulado “A casa. Do porão ao Sótão. O sentido da Cabana”, retrata a casa como uma forma física que traz a imagem de intimidade, o autor aponta que “[...] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela”.

Relph, em seu livro *Place and placelessness* (1976), também apresenta o lar com este sentido de intimidade, ambiente particular, definindo-o como a essência do lugar. Mas, em seu artigo “Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar” publicado em 2012, o autor afirma que atualmente sua compreensão de lar é um tanto quanto mais complexa. Embasado em Jeff Malpas<sup>5</sup>, Relph entende que o lar também pode associar-se a qualquer parte, desde que haja um enraizamento num lugar e que este apresente concomitantemente características de familiaridade e significado. A partir deste novo olhar para o lar, é possível compreender que Relph (1976) apresenta o lugar não mais delimitado, com rígidas formas físicas, mas o enfoca como “[...] foco das intensas experiências, é ao mesmo tempo sem limites”.

<sup>4</sup> O termo original utilizado por Relph é *Placelessness* que expressa ausência da capacidade de lugaridade. Lugaridade para o autor diz respeito às qualidades do lugar, qualidades constituídas pelo enraizamento, encontro, pertencimento.

<sup>5</sup> Jeff Malpas é autor do livro intitulado *Heidegger's Toology*. Este livro foi utilizado como referência por Relph em seu artigo.



O lar é utilizado para o entendimento da essência do que seja o lugar, mas é necessário compreender o lugar como sendo móvel, uma vez que as barreiras físicas limitam sua compreensão, haja vista que seu sentido se direciona para a experiência cotidiana e esta se abre para aquilo que se encontra no exterior do microcosmo.

A experiência cotidiana promove os sentimentos de afeição pelo lugar, desse modo para entender melhor esta inclinação afetiva, Bachelard, também no livro “A poética do espaço” propõe o termo “topofilia”, que mais adiante vai ser estudado e discutido de forma aprofundada por Yi fu Tuan<sup>6</sup>. Para Tuan (2012, p. 19) topofilia “[...] é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. O termo vincula-se a intimidade estabelecida com os elementos presentes no ambiente.

O sentimento topofílico está relacionado a uma dependência física e emocional do lugar, no sentido de que este é um “repositório de lembranças” que gera familiaridade e, por conseguinte, afeição. Neste contexto, Tuan (2012) afirma que “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”, uma vez que evoca as raízes do indivíduo, raízes estas responsáveis por características relevantes em sua formação identitária.

A topofilia se refere a sentimentos de patriotismo, regionalismo, sentimentos evidenciadores de características identitárias, bem como de orgulho e amor pela terra natal. A terra natal é aqui entendida como o lugar de vivência, lugar provedor de vida, o lugar que inclui e exclui pessoas, na medida em que o ser natural daqui traz confiança, uma vez que há o encontro de peculiaridades identitárias semelhantes, mas o ser natural de lá promove desconfiança, pois aquilo que é desconhecido produz insegurança.

No entanto, estudar o lugar traz como proposta entender a íntima ligação desta categoria com as questões identitárias de um indivíduo ou um grupo, pois as características de um ambiente particular (lugaridade) que tem como implicação o aflorar do sentimento de intimidade e pertencimento, remetem à construção de atributos que vão preenchendo a essência do ser humano, dando-lhe significado e posicionando-o como ser no mundo.

Contudo, é possível afirmar que esta relação física e emocional, que pode ser denominada de relação topofílica, que existe entre o indivíduo – ou grupo – e o lugar, entremeia-se de modo dinâmico com a constituição da identidade.

---

<sup>6</sup> Importante autor da corrente humanista na geografia. Este autor discute a categoria lugar e, assim como Relph, foi influenciado por Eric Dardel.

### 3 A IDENTIDADE DOS RIBEIRINHOS AMAZÔNICOS

No Estado de Rondônia, com o fim do Ciclo da Borracha e a conseqüente saída dos seringueiros dos seringais, formaram-se comunidades ribeirinhas ao longo de rios, lagos e igarapés. Estas comunidades indicam ter relações com povos indígenas que habitavam – e ainda habitam – a área, bem como de nordestinos que migraram em busca de melhores condições de vida durante o ciclo da borracha<sup>7</sup>.

Comunidades ribeirinhas são consideradas comunidades tradicionais pelo Decreto 6.040 de 7 de fevereiro de 2007. Conforme artigo 3º estas são definidas como:

Art. 3º [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007).

Por meio da definição apresentada acima é possível compreender que tais comunidades possuem um modo de vida diferenciado e este reflete na forma como são organizadas, tanto no que tange a organização espacial, quanto à organização familiar. Deste modo, Silva (1994) define comunidade ribeirinha como:

A população constituinte que possui um modo de vida peculiar que as distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possua sua cosmovisão marcada pela presença das águas. Para estas populações, o rio, o lago e o igarapé não são apenas elementos do cenário ou paisagem, mas algo do modo de se viver do homem. Dessa forma, quando estabelecemos nossa conceituação, temos claro que nem todas as populações humanas que vivem às margens dos rios são consideradas populações ribeirinhas.

O movimento das águas tem importante influência na constituição do modo de viver e ser ribeirinho, para estes indivíduos a água para além da funcionalidade, apresenta uma forte conotação simbólica e o rio não é visto e entendido apenas como um corpo d'água, mas sim como essência de vida e da liberdade.

Cruz (2007) apresenta o rio como “espaço de referência identitária” na Amazônia, pois o rio é um “espaço físico natural”, uma vez que é fonte de recursos financeiros (pesca), é fundamental como meio de transporte, contribuindo também para o ritmo social ligado a temporalidade destas

<sup>7</sup> Para maior entendimento de como se deu os Ciclos da Borracha e a migração de nordestinos para a Amazônia sugere-se a leitura dos seguintes livros: “Espaço Ribeirinho” (SILVA, 2000); Amazônia-Natureza, Homem e Tempo (TOCANTINS, 2009).



populações. O rio é fonte de sobrevivência, pois dele os ribeirinhos tiram o principal alimento que subsidia também o sustento financeiro das famílias.

Além do aspecto físico, Cruz (2007, p. 26) apresenta o rio como um “espaço social”, uma vez que é “[...] o meio e a mediação das tramas e dos dramas sociais que constituem o modo de vida ribeirinho com seus saberes, fazeres e sociabilidades cotidianas”. Além dos aspectos espaciais “físico natural” e “social”, o rio também é visto como “espaço simbólico”, sendo este caracterizado pela produção de elementos do imaginário, crenças, lendas, mitologias e cosmologias das mais diversas, ligados ao universo enigmático das águas.

O rio povoa o imaginário dos ribeirinhos, materializando-se na espacialidade criada em seu território, em seu modo de vida e de saber fazer. Neste sentido, Bachelard (2002, p. 123) em “A água e os sonhos” apresenta a água como um ser total, aquela que possui corpo, alma e voz, aquela que aparece no imaginário humano como “água maternal”, produzindo a imagem do leite materno enquanto alimento completo, “[...] o primeiro alimento de todos os seres”. A partir deste entendimento é possível compreender a água, o rio, como um alimento material e simbólico, que dá significado à vida, no sentido de constituir o próprio ser ribeirinho.

O rio atua como um “espaço de referência identitária” para as comunidades ribeirinhas, pois se conecta diretamente às experiências culturais, ao modo de vida, a territorialidade, ao espaço vivido e aos saberes e fazeres destas comunidades.

A partir da compreensão da importância do rio para constituição identitária de comunidades ribeirinhas, é possível considerá-lo como um “geossímbolo”, pois o rio assume uma importância simbólica capaz de fornecer, bem como fortalecer características identitárias destas comunidades. O termo “geossímbolo” foi cunhado por Bonnemaïson (2002) e o autor o define como:

[...] um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas e culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade.

Neste sentido, Silva e Almeida (2009) afirmam que o rio é um elemento fundante da e na vida ribeirinha, sendo a fonte de subsistência, tanto material quanto imaginária, que sustentam a cotidianidade e sociabilidade das comunidades.

Diante do apresentado é possível considerar que o ribeirinho possui uma relação topofílica com o rio, uma vez que estabelece um elo afetivo com este elemento do meio ambiente e esse sentimento topofílico é um importante fator na construção da identidade ribeirinha.

O rio como um importante elemento constituinte da identidade ribeirinha deve ser entendido pelo viés das diferentes espacialidades existentes entre homens e mulheres, pois apesar deste

elemento estar intimamente ligado à formação do ser ribeirinho de forma geral, existem especificidades no que tange aos elementos que constituem a identidade de homens e mulheres ribeirinhos(as).

Com o entendimento das diferentes espacialidades existentes entre homens e mulheres, torna-se salutar entender como esta relação de afetividade com o rio exerce influência na constituição identitária da mulher ribeirinha.

#### **4 A RELAÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER RIBEIRINHA DA COMUNIDADE DE NAZARÉ COM O RIO: UMA VISÃO PRELIMINAR**

Na Amazônia Brasileira a situação das mulheres seguiu em direção à opressão e exclusão, assim como em várias localidades do mundo. Os homens tiveram visibilidade na história da colonização, enquanto as mulheres mesmo sendo figuras ativas no processo de colonização e na formação dos grupos sociais da região amazônica foram invisibilizadas, suas histórias não foram contadas, e as ações realizadas por elas foram silenciadas por séculos.

Também na história de ocupação do espaço ribeirinho no Estado de Rondônia, proveniente das correntes migratórias para os seringais da Amazônia, as mulheres com seus esforços, com a intrínseca relação com a natureza e árduo trabalho, contribuíram e ainda estão contribuindo para a manutenção da vida e fomentando as relações sociais comuns a qualquer sociedade, guardadas as peculiaridades regionais e culturais de uma comunidade ribeirinha.

Refletir sobre a mulher ribeirinha leva a pesquisadora a entender o quão complexa é a trama de vida desta mulher, uma vez que sua espacialidade é fortemente marcada por fatores intimamente ligados a questões simbólico-culturais que estão enraizadas em seu lugar de vivência. O mundo vivido destas mulheres, assim como grande parte das mulheres que vivem no espaço rural, ainda é marcado pelo patriarcalismo, pelo empenho nas atividades agrícolas, mas as ribeirinhas possuem peculiaridades que as diferenciam das demais mulheres que vivem no campo e, estas estão ligadas a presença do rio, fator influente na sua espacialidade e vivência.

O patriarcalismo ainda está bastante enraizado na comunidade ribeirinha estudada. As mulheres são as responsáveis pelo cuidado dos filhos, bem como pelos afazeres domésticos enquanto os homens são identificados como agricultores e pescadores, aqueles que proveem o sustento material para o lar. Sendo assim, associado ao cotidiano de atividades domésticas e cuidado com os filhos, atividades estas de responsabilidade feminina no espaço ribeirinho, o rio



aparece como fator de importância na vida destas mulheres e de constituição de elementos que fazem parte de suas experiências cotidianas.

Desse modo, o papel reprodutivo<sup>8</sup> da mulher ribeirinha fornece características que irão compor sua identidade, uma vez que elas se auto reconhecem e também são reconhecidas pela sociedade como donas de casa ou do lar, mesmo que muitas delas desempenhem outras funções como, por exemplo, a atividade agrícola.

As mulheres ribeirinhas, além da atividade doméstica, que por uma questão cultural e tradicional, é quase que exclusivamente sua no âmbito familiar, também lidam como a atividade agrícola, indo para o campo para desempenhar atividades de plantio e colheita, como pode ser observado no depoimento de uma entrevistada: “[...] a gente trabalhava na agricultura né [ela e o esposo], sempre a gente criou nossos filhos trabalhando, fazer quem meu marido, na roça mesmo! No duro! Eu ia pra roça [...] Eu consegui minha aposentadoria como agricultora [...]” (ENTREVISTADA, agosto, 2016).

O rio se apresenta como importante na vivência destas mulheres, uma vez que está diretamente associado aos afazeres domésticos, pois na comunidade ribeirinha de Nazaré toda água utilizada para a realização de tais tarefas é proveniente do rio que margeia a comunidade – Rio Madeira. O rio, neste aspecto, remete à identidade cultural das mulheres ribeirinhas, uma vez que diz respeito a uma origem comum, bem como a práticas comuns a um grupo (ALMEIDA, 2005).

Outra característica proveniente do rio está relacionada à atividade pesqueira. Esta é praticada em grande parte pelos homens, mas as mulheres também a praticam como atividade associada ao lazer (NASCIMENTO SILVA, 2004) e, conseqüentemente para a subsistência familiar, de forma que cotidianamente elas se encontram para conversar à beira do rio para juntas pescarem.

É comum ouvir depoimentos de mulheres que dizem estar cansadas da lida diária e na busca por conter o cansaço, encontram na pesca uma forma de revitalização do vigor, como pode ser observado na fala de uma entrevistada quando questionada se praticava a atividade: “De lazer, não, era mais era esporte mesmo, mais era lazer. Pescar e fazer o caldinho pa nós tomar.” (ENTREVISTADA, agosto, 2016).

Mesmo que a prática da pesca por mulheres não se direcione a fins econômicos, elas se identificam como pescadoras, pois embora a atividade se constitua como lazer, elas proveem o alimento para a família. Deste modo, é possível verificar que o rio, com a pesca imbrica dois tipos de identidade, a “identidade vivida” (ALMEIDA, 2005), uma vez que retrata elementos do

<sup>8</sup> Entende-se o termo reprodutivo não no sentido da maternagem, mas no sentido de reprodução no âmbito familiar que está vinculado aos cuidados com os afazeres domésticos e com a família.

cotidiano da vida destas mulheres (pesca como lazer), bem como a “identidade cultural” que se apresenta por meio do reconhecimento da mulher ribeirinha com o papel de reprodução familiar.

A lenda do boto, muito disseminada na região amazônica, permeia outro fator de ligação da mulher com o rio. A lenda do boto diz respeito a um animal aquático, sedutor e grande fecundador, que a noite se transforma em um moço bonito e namorador, que vai às festas, dança com as moças e depois as seduz. Quando chega a madrugada, o animal volta ao rio e se transforma em boto novamente. As mulheres que foram encantadas pelo boto engravidam e dão a luz aos filhos, fazendo com que se atribua ao boto muitos filhos sem paternidade reconhecida (SILVA; BEST, 1996).

Os botos representam perigo às ribeirinhas, pois esta lenda é reverberada de geração em geração ao longo dos tempos, desta forma as meninas, ainda crianças, já sentem seus corpos ameaçados pela presença dos botos. Desse modo, esses animais que povoam o Rio Madeira, estão ligados diretamente à sexualidade e a corporeidade das mulheres que ali habitam, de forma que a partir do lugar as experiências corporais são vivenciadas. Neste sentido, Chaveiro (2012, p. 33) afirma que “[...] Os lugares não são apenas concebidos, mas vividos pela experiência do corpo”.

Desta forma, entendendo que a lenda dos botos possui estreita relação com a corporeidade e a sexualidade da mulher ribeirinha, compreende-se que sua identidade enquanto mulher é reforçada a partir de seus componentes corpóreos, uma vez que de acordo com a lenda estes são elementos que as tornam atraentes para os botos.

No entanto, é possível compreender que o rio pode ser visto sob um viés contraditório a partir constatação que ele é utilizado para a realização dos afazeres domésticos, trabalho visto como penoso para estas mulheres, ao passo que tem uma conotação de lazer e descanso. O rio ainda tem a representação simbólica de segurança, sentimento topofílico em relação ao lugar, mas em contraposição possui uma representação de insegurança e medo, aportada pelo sentimento topofóbico<sup>9</sup> (TUAN, 2012), quando as lendas do encantamento dos botos vêm à tona.

Contudo, nesta análise ainda preliminar, fica evidente que o Rio Madeira possui estreita relação com a constituição identitária das mulheres da comunidade ribeirinha de Nazaré, visto que o rio, enquanto um importante elemento que compõe o lugar destas mulheres, está intimamente relacionado ao modo de vida, aos comportamentos sociais, bem como ao saber fazer destas mulheres.

<sup>9</sup> Yi Fu Tuan também trabalha com o conceito de topofobia. Este é o oposto de topofilia, relacionando-se ao sentimento de repulsa pelo lugar. O conceito é discutido pelo autor no livro intitulado “Paisagens do Medo”.





## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade de um indivíduo ou coletivo é construída por meio da relação estabelecida com o Outro e com o lugar, de forma que é na singularidade existente em relação a outros que as questões identitárias são evidenciadas.

As questões identitárias estão intimamente relacionadas ao lugar de vivência do indivíduo ou grupo, uma vez que o lugar é a base da existência humana, onde são estabelecidas suas relações mais íntimas com o meio e com as pessoas que o cercam e, são destas relações que surge o sentimento de pertencimento àquele local, sendo a pertença fator de importante influência para incorporação de atributos do lugar a identidade do indivíduo.

Neste sentido, é possível compreender que o rio tem importante influência na constituição do modo de viver e ser ribeirinho, pois para estes indivíduos a água para além da funcionalidade, apresenta uma forte conotação simbólica. O rio não é visto e entendido apenas como um corpo d'água, mas sim como essência de vida destas comunidades.

Para as mulheres ribeirinhas, de forma mais específica, o rio se apresenta como importante elemento constituinte de especificidades identitárias em relação aos homens. O rio traz marcas simbólicas que constituem o mundo vivido destas mulheres.

O rio possui atributos funcionais para as mulheres ribeirinhas de Nazaré, uma vez que é utilizado para a realização das atividades domésticas, que cotidianamente são desenvolvidas por elas. Além da funcionalidade, o rio se apresenta como atividade de lazer associada à pesca, além do lazer, a pesca para as mulheres é vista como uma possibilidade de prover alimento para a família, fato que ressalta o papel reprodutivo da mulher perante a família e a sociedade.

Deste modo, o rio pode ser compreendido a partir do sentimento topofílico, visto que as mulheres estabelecem fortes laços afetivos com este elemento natural, reforçando o caráter simbólico deste para este grupo de mulheres.

É possível ainda verificar que o rio possui relação com a sexualidade e corporeidade das mulheres ribeirinhas de Nazaré, a partir de histórias lendárias que envolvem as mulheres, histórias estas que engendram, principalmente nas mulheres, certo sentimento topofóbico em relação ao rio. Deste modo, compreende-se que a identidade da mulher é reforçada pelos seus componentes corpóreos, uma vez que de acordo com a lenda estes são elementos que as tornam atraentes aos botos.

Contudo, apesar do caráter ainda introdutório desta pesquisa, é possível verificar que o rio enquanto elemento que compõe o lugar das mulheres ribeirinhas da comunidade de Nazaré possui

importante relação na construção identitária destas, relacionando-se intimamente ao mundo vivido, ao modo de vida, aos comportamentos sociais, bem como ao saber fazer destas mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: **Revista da ANPEGE**. Ano 2, n. 2 Fortaleza: ANPEGE, 2005.

\_\_\_\_\_. A Propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na geografia Cultural. In: **Revista da ANPEGE**. n. 11. Fortaleza: ANPEGE, 2013.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e Diferença da Economia Cultural e Global. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.). **Cultural Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 311-327.

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Mota Peçanha; Traduções de José Moura Ramos (et al.) ed. São Paulo: Abril cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: Correa R. L.; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um Século (III)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002. p. 83-131.

BRASIL. **Decreto Nº 6.040, de 7 de janeiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: MARANDOLA, Eduardo José Junior. et al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

CRUZ, Valter Carmo. Itinerários teóricos sobre a relação entre território e identidade. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves. et al. (Orgs.). **Itinerários Geográficos**. Niterói. EdUFF, 2007. p. 93-122.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco. 2000.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GENIS, Andrea Díaz. **La construcción de la identidad en América Latina: una aproximación hermenéutica**. Montevideo: Nordan-Comunidad, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.



MENEZES, Elisângela Ferreira. **A representação do lugar: um estudo sobre a juventude ribeirinha da Comunidade de Nazaré – RO**. Porto Velho: Faculdade de Geografia da Universidade Federal de Rondônia, 2014, 136p. (Dissertação, Mestrado em Geografia).

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. **Parteiras ribeirinhas: saúde da mulher e o saber local**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, 2004, 215p. (Tese, Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido).

PENNA, Maura. Que faz ser nordestino: examinando hipóteses. In: **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992. p.49-81.

POLLICE, Fabio. O papel da identidade territorial no desenvolvimento local. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 27, p. 7-23, jan-jun, 2010.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Gláucio José. et al. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

RELPH, Eduard. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA, Eduardo José Junior. et al. (Orgs.). **Qual é o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SILVA, Avacir Gomes dos Santos; ALMEIDA, Maria Geralda de. Entre mundos: as espacialidades nas e das comunidades ribeirinhas do Vale do Guaporé. (Rondônia – BR). In: **Anais do XII Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR**, Jacarezinho, 20 a 25 de maio de 2009.

SILVA, Josué da Costa. **Cuniã: Mito e Lugar**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994. (Dissertação, Mestrado em Ciências: Geografia Humana).

SILVA, Vera Maria Ferreira da; BEST, Robin C. Tucuxi, *Sotalia fluviatilis* (Gervais). In: RIDGWAY, San H.; HARRISON, Richard. **Handbook of Marine Mammals**. London: Academic Press, 1996.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 2012.

WICHT, Bernard. La diversité culturelle: Le sens d'une idée. In: BARRAK, Anissa. et al. (Orgs.). **Diversité culturelle et mondialisation**. Paris: Autrement, 2004.

Recebido em 21 de dezembro de 2016

Aprovado em 16 de fevereiro de 2017